ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 1922 N.º 234

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO' DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

PUDEMOS hoje trocar algumas palavras com um jovem e simpatico banqueiro ácerca da questão cambial.

«—Que pensa do actual governo?

—Por emquanto, só penso bem...

—Mas receia alguma coisa?

—Eu lhe digo. Se o governo Cunha Leal conseguir manter a ordem publica e evitar qualquer aumento de circulação fiduciaria, tudo irá bem. Porém se..:

—E' necessario que o país o ajude tambem na realização das suas promessas. A finança certamente não vai ficar inactiva, não é verdade?

—Sim, senhor. Mas que o governo satisfaça as duas condições a que me referi—ordem publica bem garantida e circulação fiduciaria não alargada.

—Se a força das circunstancias o obrigar a elevar esta até a um milhão de contos, que resultará disso?

—É facil de prever: desvalorização da nossa moeda em mais de 40 % e fixação do cambio em torno da casa dos 3. Isto é matematico.

—Mesmo que não rebente qualquer revolução?

—Não há duvida, porque o problema da ordem relaciona-se com o aumento da produção nacional que, como calcula, tem de ser muito lento. No emtanto, a realização dum emprestimo externo teria uma acção benefica. Poderá o governo levá-lo a efeito? Ignoro-o, se bem que muito o deseje. Parece-me até que o governo, recorrendo com exito ao credito externo, dispensaria o aumento da circulação fiduciaria, o que seria cheio de vantagens—o cambio principiaria logo a subir, melhorando as condições da vida, cada vez mais dubias.»

* * *

NA entrevista que o *Diario de Lisboa* publicou com o major sr. Cortez dos Santos, chefe do estado maior da G. N. R., há quem tenha querido vêr, interpretando certas palavras do entrevistado, isoladamente, uma censura ou crítica descabida á missão do exercito. Não é assim.

O major sr. Cortez dos Santos não quiz ocupar-se de tal assunto.

O nosso redactor que o entrevistou, tambem assim o entendeu.

O espirito da entrevista está todo nesta passagem:

—«Neste momento, nos nossos quarteis aguardamos serenamente que o governo cumpra a sua missão. E, como o sr. presidente do ministerio disse ontem na sua extraordinaria conferencia, só há um *mot d'ordre* para a sociedade portuguesa: obedecer. Nós, militares, só temos de *obedecer, obedecer, obedecer sempre*».

Nem mais nem menos.

Fazemos esta declaração, por ser justa e, portanto, de molde a travar os malsinadores das intenções alheias.

* * *

NA comissão de Folclore poetico e musical português ainda não foi incluido o nome do musico e compositor portuense, sr. Armando Leça, estudioso e apaixonadissimo espirito dos assuntos poeticos do povo, de toda a provincia, pela toada e pela canção, aos quais se tem dedicado quasi exclusivamente. Não precisamos de lembrar ao sr. dr. Augusto Gil o cumprimento deste preito de justiça. Certamente o ilustre director geral das Belas Artes espera uma oportunidade para apresentar aquele nome ao ministro da Instrução.

OS PARTIDOS

O sr. Rodrigues Gaspar, numa entrevista que concedeu a um redactor do *Seculo*, afirma que os partidos são necessarios ao regime, porque representam forças politicas organizadas, e que os ataques de que veem sendo alvo traduzem um odio sistematico á Republica.

Esta maneira de responder a objecções que, nos ultimos tempos, se produziram com mais frequencia contra os partidos, não se pode chamar muito eficaz, o que é de estranhar num homem que costuma ter o raciocinio limpido e seguro. Ninguem se manifesta contra as organizações partidarias, senão para salientar a sua insuficiencia, nos graves momentos que o país atravessa.

Que elas são necessarias, desde que correspondam á sua função, quem ousará contestá-lo?

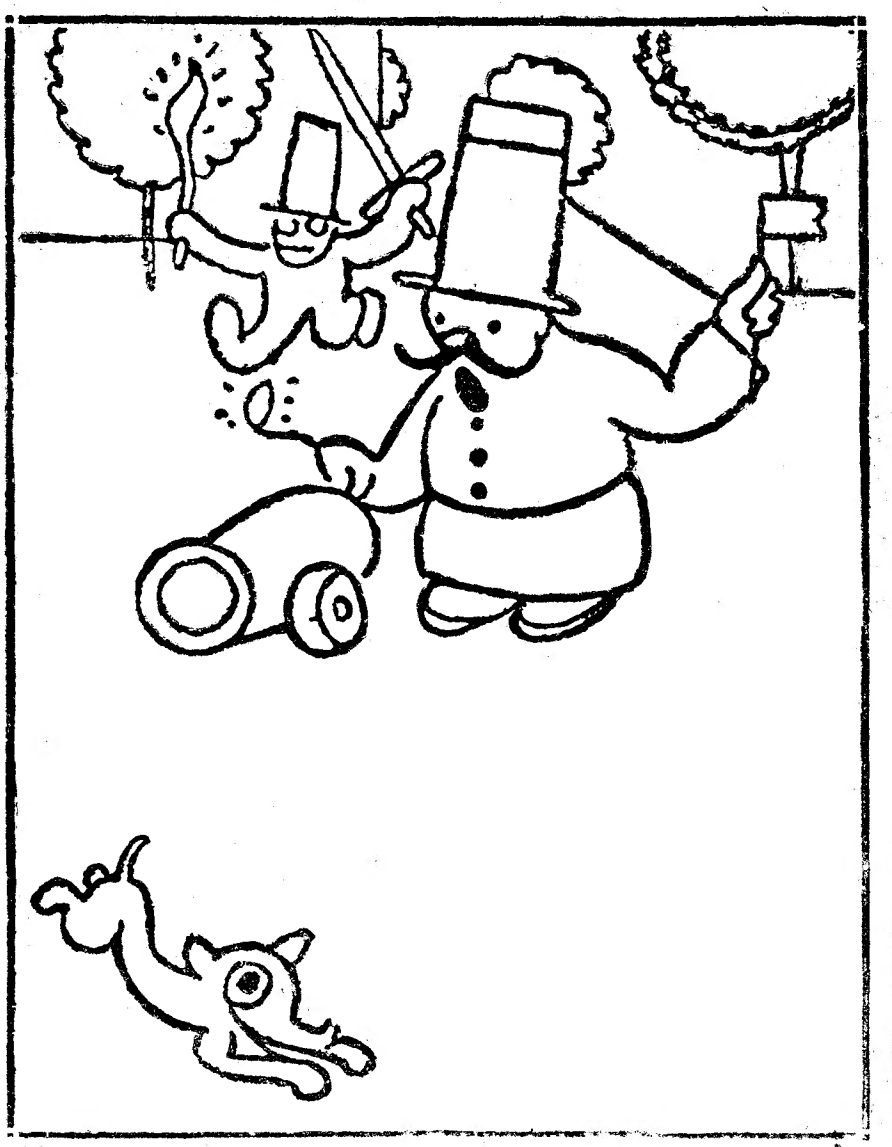
Pretender, como diz o sr. Rodrigues Gaspar, que são tendenciosas todas as campanhas de que se ocupa na sua entrevista, é ignorar a historia do seu proprio partido, no seio do qual, após o afastamento do sr. dr. Afonso Costa, os dissidios nunca faltaram.

O «19 de Outubro» não se fez, porventura, com o fim de demonstrar a necessidade urgentissima dos partidos se renovarem, visto que não possuiam a preparação bastante, para resolverem os problemas da nossa crise, com medidas acertadas e decisivas?

A existencia do actual ministerio, presidido por um homem, tão pouco disposto a sugeições, não representa por si só uma grave censura aos que, na formação da *frente unica*, pensaram ainda mais no festim eleitoral, que na organização do programa de realizações com que haviam de apresentar-se ao país?

As palavras do sr. Rodrigues Gaspar afiguram-se-nos, portanto, pouco justas e até inspiradas por um proposito agressivo que conflige com a tradição do seu nome.

Como nos vêem os espanhois



por Bagaria

¡Motor de las passiones!...
¡Nación motora!

¡Dos mil revoluciones
por cuarto de hora!

O *DIARIO de Lisboa* publicou ante ontem uma entrevista com o sr. Carvalho da Silva que o nosso colega *Correio da Manhã*, no seu numero de ontem, declarou apocrifa. Devemos dizer que não foi escrita por qualquer dos nossos redactores, mas por pessoa estranha ao *Diario de Lisboa*.

Quando a apresentou, foi-lhe preguntado, na presença dos srs. José Paulo da Camara e Norberto de Araujo, se tinha autorização do sr. Carvalho da Silva para assim fazer, respondendo ele desembaraçadamente que a lera ao entrevistado, concordando este com a sua publicação.

Ignoravamos que eramos vitima de um embuste.

Supusemos, apesar de tudo, que, em presença da declaração do *Correio da Manhã*, o jornalista em questão nos procurasse para dar explicações. Não o fez — o que muito lastimamos.

Pela nossa parte, pedimos ao sr. Carvalho da Silva que nos desculpe de uma falta tanto mais involuntaria quanto é certo que temos pelo antigo deputado monarquico uma admiração que vem de longe.

* * *

ALGUEM que nos merece muita consideração escreve-nos para nos contar que a ajudante da estação telegrafo-postal de Espinho insultou durante as horas de serviço e deante do publico uma sua colega. Organizado o respectivo processo foram ambas transferidas para a Covilhã mas com a seguinte diferença: a primeira foi transferida «a seu pedido» emquanto a insultada o foi por castigo. Para esta injustiça, que naturalmente resultou de erradas informações, pedimos a atenção do sr. administrador geral dos Correios e Telegrafos.

* * *

ACHAMOS que o sr. ministro da guerra necessita empregar todos os seus honrados esforços, a fim de disciplinar o exercito.

O muito dinheiro que ele nos custa não deve servir para viciar um organismo que é sentinela das virtudes da raça.

E' necessario, porém, que nunca perca o sentimento da equidade que manda pesar todos na mesma balança.

* * *

A *MANHÃ* aponta uma contradição bem sensivel, entre o que *A Batalha* escreveu, quando da explosão, na séde das juventudes sindicalistas, uma *manchette* que ontem publicou, em que filia, no intuito de defender a liberdade ameaçada, o carregamento das bombas que causaram a morte dos três jovens que ontem foram dados á sepultura. Esperamos que *A Batalha* explique o estranho caso.

* * *

PELAS 20 horas de ontem, explodiram três bombas de rastilho, numas terras que existem junto da rua Francisco Sanches, á Avenida Almirante Reis. Estas, ao menos, não occasionaram prejuizos nem fizeram mal a ninguem. Pertencem á serie chamada *fogo de vistas*. Onde seria o arraial?

* * *

SABEMOS que o sr. Antonio Mantas não deseja fazer parte do futuro Parlamento, porquanto abandonou definitivamente a politica, desligando-se de todos os compromissos

Musica

"Butterfly" em S. Carlos

Ontem, noite de entusiasmo em S. Carlos. Era a «première» da «Butterfly».

Entre nós está ainda muito entranhado o gôsto por essa musica simples, levesinha, de fácil apreensão, que é a musica de Puccini, o simpatico e afortunado arquitecto de uma arte comoda, dada aos triunfos de ocasião, cheia de transigencias para com as predilecções da maioria, a arte de onde saiu a «Bohème», a «Tosca», etc., e entre a qual «Butterfly» tem decerto o logar de honra. Todos entre nós conhecem, pelo menos de ouvido, o entrecho da «Madame Butterfly»: uma japonesinha gentil, que se diria arrancada das varetas de um leque de xarão ou de uma pagina sugestiva de Pierre Loti, apaixona-se por um oficial de marinha norte-americana, Pinkerton, que, «por brincadeira», casa com ela segundo o rito japonês, abandonando-a em seguida, sem se lembrar de que nessa flor do oriente havia um coração, para ir na sua patria contrair outro casamento, «a serio», que determina o suicidio da pobre «Butterfly».

E' um idilio gentil que passa a sorrir para ir acabar numa tragedia, depois de ter deslizado suavemente sob um alpendre florido de gleinias no misterio azul das noites estreladas, como só as tem o oriente e entre as lacas e os xarões de uma casa de boneca.

No desempenho distinguiu-se a sr.ª Kiva Teiko, japonesa muito gentil e possuidora de uma vozinha não muito forte, mas segura e expressiva, dando lindamente a impressão da adoravel apaixonada da Magasaki nos seus gestos miudinhos e nas suas reverencias de «musumé». No fim da aria «Un bel dí vedremo...», o publico aplaudiu-a, encantado; sendo muito graciosa na sua maneira de agradecer á japonesa, no final do primeiro acto.

O tenor Antonio Bagnariol, de voz agradavel, bem timbrada, foi bem no seu papel de amante ingrato.

A sr.ª Luisa Conde ajudou muito o conjunto, representando bem e pondo em evidencia as qualidades da sua voz forte e segura.

O sr. Dante Fontana e Spadoni, bem nos seus papeis de «Sharpless» e de «Goro», dando este ultimo em meio do segundo acto um trambulhão que muito ajudou ao cómico do seu papel, trambulhão que talvez o não entusiasmasse tanto como ao publico, porque lhe serviu os efeitos melhor do que este...

Os restantes, assim como os córos e orquestra, contribuiram conforme puderam para o conjunto geral,

A assistencia, numerosa, distinta e abundante em... «Pinkertons» de todos os feitios e classes que procuravam de binoculo em punho, por entre os camarotes e a plateia, campo onde exercer a sua actividade.

Intervalos, um bocadinho grandes.

Oliva Guerra

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 7:

Reza-se 2.º dia dentro da Oitava dos Santos Reis, simplex, paramentos brancos, missa do dia festa, 2.ª oração Deus, qui Salutis, 3.ª pela Igreja ou pelo Papa, credo e prefacio da Epifania.

Lausperene—Na Igreja paroquial de Santos Reis, (no Campo Grande).

Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 8,30, missa.

Santos Reis, ás 12 horas, festa ao Senhor Jesus dos Passos, por musica, orando o rev. Vacondeus; ás 17, Hora ao SS.mo, por musica.

S. Paulo, ás 9 horas e meia, novena á Senhora da Divina Providencia.

S. Nicolau, ás 19 horas, Triduo ao Coração de Jesus, por musica, com exposição do SS.mo.

Santa Isabel, ás 19 horas e meia, novena á Senhora da Conceição, por musica, com exposição do SS.mo.

Capelinha do Rosario (no cemiterio do Alto de S. João, na rua 4), ás 12 horas, missa.

— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?

Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.

FARMÁCIA FORMOSINHO:

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

CARTA DE ITALIA

NA PEQUENA POVOAÇÃO DE IZELE Á ENTRADA DE SIMPLON

Impressões de um português que viaja para se distrair

Izele, pequena povoação italiana, fica no sopé duma montanha alta, através a qual a engenharia abriu o compridissimo tunel do Simplon, o maior tunel do mundo.

Banha-a um pequeno ribeiro, através as pedras, do qual, no fundo, uma linhasita de agua, neste mês de novembro, atesta que o inverno ainda aqui não bateu, embora toda a estrada que, desde as 14 horas, percorremos—hora a que deixamos a cidade de Milão—nos venha a gritar, apresentando uns pequenos fios de prata, que a neve anda na vizinhança, o que não é mentira!

Ontem, com um dia primaveril, fomos a Monza, onde foi morto o rei Humberto—15 quilometros de Milão, que o Peugeot palmilhou em segundos—para visitar o parque, o palacio (que estava infelizmente fechado) e fazer ideia daquele meio fabril.

E não perdemos o tempo! Já na ida, o movimento assombroso de carros, autos, electricos, cicles com e sem motor, e peões nos deixara impressões que foram aumentando em agradabilidade, tendo ficado quando regressámos numa disposição de contentamento, que tão cedo se não desvanece.

Num dos velhos templos—tenho corrido quantas igrejas se me deparam por este país além!—tive ocasião de ver a corôa com que Napoleão se coroou rei de Italia e cuja descrição e cerimonial indispensavel para alcançar esse «desideratum», merece menção especial.

Disseram-me que ela tem como principal rasão historica o ser feita com um dos grandes cravos arrancados á cruz de Cristo. Não nego nem contesto. Ouvi, não guardo a observação e afirmo que de facto um aro de ferro terminando ponteagudamente lhe acompanha o circulo, embora embebido no ouro de que é feita. Mas . . . eu conto. Concedida a licença especial e o pagamento de 5 liras—fraca esportula—para o deferimento da mesma, um padre paramentado acolitado por outro em cujas mãos o turibulo balouçante queimava incenso. abre um pesado portão de ferro que fecha ao publico o acesso ao altar onde um cofre forte esconde a corôa. Varias resas «preparam» o ambiente. Findas elas o padre abre o cofre, que está fechado por muitas chaves e tem porta dupla. Aparece depois a nossos olhos uma caixa de cristal, que um parafuso sem fim movimenta até ao local onde se possa observar bem a joia. E' um objecto rico em pedrarias, ouro e . . . historia. Atribuem-lhe 1700 anos, o que acho bastante para a sua pequenês, mas neste país as maravilhas têm todas cabelos de marfim! São como o marmore de Carrara, aquele marmore muito branco cujas montanhas enormes durante tanto tempo acompanhei depois de atravessar a povoação que lhe dá o nome, e que, de facto, quando velho, como observei em Piza e Sienne, se confunde absolutamente com o marfim.

Depois observado, o mesmo cerimonial, o padre volta a recolher a joia á sua prisão historica e nós retiramo-nos.

Continuo a interrompida narrativa de Izele.

Este logarejo nada tem que vêr. Quási escondido, no recanto da montanha, onde de quando em vez um viandante pernoita, num hotel primitivo.

Viemos cá parar por engano! Um empregado em Domodossola ensinou ser aqui despachado o auto, visto a estrada do Simplon estar já fechada ao transito. Depois que entrámos, como o jantar fumegava, quizemos conhecer este rudimentar serviço hoteleiro e a voz cantante duma creadita toda dançarina que nos serviu, dando ás palavras uma entoação de quem vivia feliz. E' suiça francesa essa moça franzina e alegre, que substitue por sorrisos o confôrto que o hotel não tem. Os quartos são gelados, deitando para o ribeirito quasi sêco, que lá em baixo corre, mostrando apenas nas margens os sinais evidentes de caudalosa corrente, que no rigôr invernoso o enche de lado a lado.

Paga a conta, por sinal salgada, talvez para nos recordar de que aqueles monticulos que encontrámos nas bermas da estrada não são neve fariolenta que o rapazio destroe, mas sim aquele tempero, voltámos de novo a Domossola para realizar de facto o despacho do auto para Brigue, primeira cidade suissa onde iremos ficar. Conseguimo-lo, não sem dificuldades que, a boa vontade e o *peso* de umas liras resolveu. Deixámos-lhe o Ramalho de guarda, sósinho naquele emaranhado de falas e rostos desconhecidos, voltando de novo a Izele para tomarmos então de vez o caminho do Simplon.

Mas faltava uma ultima arrelia. Os passaportes eram tambem obrigados ao *visto* lá e por melhor desejo que o empregado alfandegario mostrasse de nos servir, é para Domodossola que todos voltámos de novo, onde, quasi ao fim da tarde—as peripecias levaram por completo o dia ao seu ocaso—conseguimos almoçar.

Mas ainda faltava uma, a ultima. Na alfandega de Izele o empregado só tomou conta dos passaportes quando o rapido de Milão chegou. E como não eramos passageiros do mesmo, reservara-nos para ultimo. Foi uma providencia embarcarmos nos derradeiros segundos que ele demorou, ali, na estação, porque, se o deixassemos partir, eram vinte e quatro horas perdidas. O desencontro com o Ramalho, que iria sósinho para Brigue, onde, não sabendo falar francês, nem conhecendo nada, ficaria perdido. Arrelias sem peso nem conto. Ainda nessa ocasião uma estrela nos valeu, porque ao rapido foi sustida a marcha e nós de roldão, ofegantes, cansados de tanta arrelia, num qualquer compartimento entrámos, para finalmente e de vez, quando chegados, darmos os ultimos retoques nas nossas documentações. Foi uma honra graúda a prestada com aquela demora e que nos livrou de contratempos sem fim. Protestámos bem sinceramente o nosso agradecimento, que não deixo de aqui recordar desvanecido.

O bufete da estação coroou depois aquela tarde quisilenta com um «menu» agradavel que trouxe aos nossos espiritos derreados a boa disposição que se perdera. E foi, por uma só vez que andámos de comboio; que aconteceria se não fosse comnosco o Peugeot!

Depois, pelas 20 horas, o comboio fazia-se e seguimos então com um frio bem dispensavel como companheiro, preparados para galgar com ansiosa espectativa esse comprido tunel que nos separava da Suissa. Em Izele sómente demorámos para que a locomotiva fosse mudada por a de tracção electrica que trabalha no tunel, e trinta minutos depois aquela pequena bicha negra entra nas agulhas de Brigue. E' então que um surprendente panorama, para os meus olhos desconhecido, aparece. Um lençol enorme, branco, estende-se para todos os lados, nada escapando á sua alvinitente cobertura. E' a neve! Pela primeira vez a vejo, assim como ali está, em tamanha quantidade.

Meu olhar perde a mobilidade ao fixar aquele panorama desconhecido e sómente me lembro que uma exclamação de espanto o acompanhou. De facto, eu nunca poderia supôr que a natureza pudesse oferecer-me, assim, numa tão rapida mutação, os scenarios que tinha visto e estava vendo. Lá em baixo, na Italia, as rochas de varios tons com fiositos enleados, especie de amostras de neve; aqui em cima, 30 minutos apenas de caminho, uma toalha imensa, cobrindo tudo, não deixando outra côr, senão a branca, e a mancha enorme e escura do comboio saído do tunel.

Em Portugal nunca vira senão umas leves camadas de geada, que em nada afectava os tons verdes da relva, a côr alaranjada dos tenhados e as variegadas da casaria. Era desculpavel a minha admiração, especie de espanto do provinciano que vem á cidade pela primeira vez, que não escondo, que ainda hoje a minha retina guarda.

Depois, quando desci do vagon, o meu receio de pisar essa camada alta que entre vidros já tinha visto como guela engulir as botas ainda mais altas dos moços da estação! Julguei que o meu calçado fino ficaria encharcado e previ logo uma pneumonia dupla para a noite proxima. Afinal, puro engano o da minha ingenuidade, porque fui para o hotel perfeitamente bem, sem que sentisse outra coisa que a natural diferença de quem pisa uma farinha que range, especie de amido, deixando um carreiro indicativo da passagem efectuada!

Foram assim as primeiras impressões desse país lindissimo cuja recordações não se apagarão jamais, tão varias e fundas foram elas. E nessa noite, pela primeira vez, o Peugeot ficou abandonado, envolto numa enorme capa de oleado, que pela manhã tinha mais de 30 centimetros de neve em cima, e que ainda hoje o Ramalho recorda com aborrecimento pelo trabalho imenso que lhe deu.

Alvaro Neto

Mundanismo

João Telo de Magalhães Colaço

Visitou hoje o *Diario de Lisboa* este ilustre professor da Faculdade de Direito de Lisboa que, até Março, se conservará em Coimbra, para onde partiu.

Oliveira Santos

Parte, depois de ámanhã, no «Beira», para Angola, onde vae reassumir o seu cargo de governador da Lunda, este nosso amigo, antigo parlamentar, que teve a gentileza de nos vir apresentar as suas despedidas.

Aniversários

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Julia Gomes de Miranda, D. Gabriela Rebelo de Andrade, D. Maria Luisa Cardoso de Menezes e D. Isabel Maria Roque do Pinho de Oliveira Monteiro.

E os senhores:

Conde de Avilês, Sebastião de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Artur Carvalho da Silva, Domingos de Almeida Centeno e Jorge Pacheco Burnay.

— Faz hoje anos o sr. Raul Ferreira da Silva.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante á segunda representação da opera «Madame Butterfly» em nona recita de assinatura ordinaria:

Madame Fontoura Xavier e filha, duquesa de Palmela e filhas, Condessas de Arge, de Calhariz de Bemfica e de Calhariz, viscondessa de Alvelos, D. Maria Izabel Fernandes O'Neill, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Suzana Garcia Sagastume de La Cuesta, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Carolina de Vasconcelos Thompson, D. Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz de Trigueiros, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Eponina Mackee, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Maria Luisa Schwalbach Ribeiro da Silva, D. Ethel da Silva Graça, D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Lidia Maia Cabeça, D. Judith Maia de Carvalho, D. Maria Luisa Schroeter de Oliveira Pires de Sommer, D. Ana Reynolds de Sousa de Lancastre (Louzã), D. Ludgera Empiz, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Ana Judice de Vilhena, D. Deolinda da Fonseca, D. Maria da Luz Ribeiro da Silva Infante da Camara, D. Maria da Conceição Ribeiro da Silva Noronha Feio, D. Maria de Carvalho e Castro, D. Maria del Pilar Segura Faria e irmã, D. Laura Machado Vieira, D. Maria Domingas Bazilio de Castelo Branco, D. Maria Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, D. Adelaide Bramão, D. Vera Betencourt Olavo, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Corina de Carvalho Megre, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Luisa Gomes de Andrade e filhas, D. Maria Silvana da Fonseca Barros e Sá, D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Leonor Pinto Leite (Olivais), D. Maria Victorina, D. Maria Luisa de Paiva Raposo, D. Maria de Lancastre (Louzã), D. Maria Sofia Bleck de Lancastre (Louzã), D. Emilia Brederode Smith, D. Maria Schroeter de Oliveira Pires, D. Margarida Moutela, D. Virginia Luisa Cardoso e D. Lucilia Maria de Cezar Ferreira, etc.

A'manhã, em segunda recita de assinatura extraordinaria, canta-se a opera «Huguenotes».

No S. Luis

A linda opereta «A Moreninha», original do nosso colega na imprensa D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira, com musica de Filipe Duarte, continua a sua carreira triunfal.

Nestas ultimas noites recebeu-nos ter visto as senhoras:

Condessa de S. Lourenço e filhas, baronesa de Santa Comba Dão, D. Sofia Burnay de Melo Breyner (Mafra) e filhas, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria do Carmo da Camara de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria Bruno de Heredia, D. Rita de Mendonça de Sommer Pereira, D. Amelia de Vasconcelos Porto, D. Maria Amelia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Tereza Queriol de Vasconcelos Porto, D. Madalena da Cunha Menezes de Atouguia, D. Maria Fraga Pery de Linde de Peixoto e Cunha, «madame» da Costa Pinto, D. Maria Sanguinetti de Bourbon (Lindoso), D. Maria Lopes de Almeida, D. Berta da Cunha Menezes, D. Maria Adelaide Burnay Soares Cardoso (Marco), «mesdemoiselles» Camara de Oliveira e Sousa (Rio Maior) e Burnay, etc.

No Politeama

A «Zázá» continúa atraindo a este teatro todas as noites uma selecta concorrencia, tendo visto ali, nestas ultimas noites, as senhoras:

Condessa de S. Miguel, D. Maria do Carmo Caldeira de Pina Machado e filha D. Branca; D. Maria e D. Eugenia de Castro Torrezão, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Maria Inocencia Quelhas de Sardinha Durão, D. Fernanda Barreira de Campos, D. Maria Manuela Caldeira de Pinho Machado de Castelo Branco, D. Maria Luiza Pereira Lamarão, D. Filomena Pereira Lamarão, D. Maria Amelia Pinto de Sousa Peixoto da Silva e filhas D. Maria Eduarda e D. Maria Emilia; «mesdemoiselles» Costa e Silva, etc.

THEATRO SÃO LUIZ

EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 8 — Matinée ás 3 horas da tarde

CONCERTO EXTRAORDINARIO **Saint-Saens**

em homenagem ao celebre compositor

— pela —

ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

no qual toma parte pela unica vez o grande pianista **Vianna da Motta**

Tarde de grande arte

PROGRAMMA — 1.ª PARTE: I a) Argel b) Reverie du soir, da Suite Algerienne, **Saint-Saens** — II Tarantella (para flauta e clarinete, **Saint-Saens**, solistas: srs. José Henrique dos Santos e Aniceto Grazina — III La Danse macabre, poema synfonico, **Saint-Saens**.

2.ª PARTE — IV Concerto n.º 5 em fá maior, op. 103, **Saint-Saens**, para piano e orchestra a) Allegro molto b) Andante (sobre motivos egypcios) c) Alegro, piano: José Vianna da Motta.

3.ª PARTE — Le Rouet d'Omphale, poema synfonico, **Saint-Saens** — IV Marche do Synode, da opera Henry VIII (1.ª audição), **Saint-Saens.**

Bilhetes á venda

"INCOMODINE"

GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

NACIONAL Telefone C. 2049

Ultimas representações

Ámanhã — A notavel e interessantissima peça

Casa Cercada

Empolgante entrecho — Scenas intensamente dramaticas — Brilhante desempenho — Grande aparato

A TOMADA DE JERUSALEM

pelos ingleses durante a grande guerra — O mais belo dos espectaculos — Conjunto verdadeiramente artistico

Na proxima semana: 4.ª recita de assinatura com a «première» da peça

O CENTENARIO

original dos irmãos Quintero.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

—=— Quarta-feira, 11 —=—

5.ª recita de assinatura

A nova peça em 3 actos, adaptação de André Brun

O juís de fóra

Sabado, 7 e domingo, 8

Ultimas representações da engraçada farça

O Novo Testamento

Electricidade! Electricidade!

A mais bela resistencia!

A mais intensa vibração!

Pilhas de graça!

Pilhas de sal!

As mais lindas ventoinhas!

As mais famosas aplicações do habil electricista CASTELO BRANCO SARAIVA

Hoje e todas as noites

Teatro APOLO

na engraçada revista

É O LEVAS!...

Suzana Grandais

Uma creação da malograda actriz

O Cinema Condes dá-nos hoje em estreia a ultima creação da malograda actriz Suzana Grandais, o belo «film» de arte *A filha do patrão*, em que revive toda a graça e sentimento da ilustre e infeliz artista. Em pleno sucesso continúa o grandioso «film» *Pelo nome de uma dama*, 5 actos admiraveis pela insigne Constance Talmadge, e para breve se anuncia uma estreia sensacional, *Os misterios do Oriente (A Soberana do mundo)* em episodios, a mais recente novidade dos grandes «films» de aventuras.

VACINAS E SOROS

MULFORD

MICROSCÓPIOS E MICRÓTOMOS

KORISTKA

APARELHOS DE LABORATÓRIO

ÁLVARO CAMPOS, L.DA

LISBOA L. DUAS IGREJAS

PORTO R. SÁ DA BANDEIRA

VICTOR MOREIRA FONTES

— CLINICA GERAL — DOENÇAS DAS SENHORAS —

CONSULTORIO

Rocio, 59, 1.º — Tel. 5:497 C.

— CONSULTAS DAS 4 ÁS 6 —

VERSOS

QUATRO VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA

por Alfredo Pimenta

a Veva de Lima

Quando eu nasci,—dentro em mim
Alguem riu, alguem chorou
Foi o riso de Arlequim,
Foi o chôro de Pierrot.

E nesta hora em que vou,
De uma tristeza sem fim,
Riu o choro de Pierrot,
Choro o riso de Arlequim!

Dizem que sou raro assim;
Mas sei apenas que sou,
Para Pierrot, Arlequim,
E para Arlequim, Pierrot!

Mas diante do interesse
Que o misterio despertou,
Eis oque em mim acontece
Mas nunca me preocupou

Se Pierrot desaparece.
Foi Arlequim que chegou..
E se Arlequim adormece,
Está acordado Pierrot...
—De modo que dentro em mim,
Quando não chore Pierrot,
E' porque ri Arlequim!

* * *

Alguem que me analizou
Disse-me que havia em mim,
Uma parte de Pierrot,
E outra parte de Arlequim

Mas se é verdade que sou,
Que sou uma coisa assim,
Quando riu, sou Pierrot,
E quando choro, Arlequim!

Nunca o meu riso chegou
Sem chorar até ao fim:
Sempre acabei em Pierrot,
Se comecei Arlequim.

Nunca o meu choro findou
Sem que eu me risse de mim:
Pois começando Pierrot,
Terminei sempre Arlequim

E neste misterio vou,
Pois neste misterio vim:
Arlequim e Pierrot,
Pierrot e Arlequim!

Por isso quem me estudou,
Disse haver dentro de mim,
Um Arlequim em Pierrot,
E um Pierrot em Arlequim!

* * *

Um dia olhando o que sou,
Comigo me desavim,
Pois supondo ser Pierrot,
Vim encontrar-me Arlequim.

Grande espanto me causou
O sentir dentro de mim,
Sôbre o choro de Pierrot,
Todo o riso de Arlequim!

Quem foi em mim que chorou?
E quem riu dentro de mim?
Se quando busco Pierrot,
Encontro sempre Arlequim?

Colombina me encantou...
E então, porque sou assim,
Adoro-a, como Pierrot,
Desejo-a, como Arlequim!

Assim Deus me destinou
A este conflicto sem fim:
Se riu,—chora Pierrot,
Se choro,—ri Arlequim..

Agora, vendo o que sou,
Já sei porque sofro assim;
Como poderá Pierrot
Dar-se bem com Arlequim

* * *

Ai! pobre Pierrot perdido,
Pobre Pierrot empoado,
Por Dom Arlequim venci.
De Colombina esquecido,
E por todos lastimado!
Ai! pobre Pierrot perdido,
Pobre Pierrot empoado!

Pierrot é aquele que crê
Nas fantasias que tece:
Olha as estrelas, e lê
O que nelas ninguem vê,
Mas a sua alma apetece!
Pierrot é aquele que crê
Nas fantasias que tece...

Uma voz de oiro o prendeu,
Um olhar o seduziu...
E Pierrot não percebeu
Que tudo, da terra ao ceo,
Nesse instante lhe mentiu!
Quando uma voz o prendeu,
E um olhar o seduziu...

Pobre Pierrot empoado,
Ai! pobre Pierrot perdido;
Ele ajoelha humilhado,
Ele humilha-se ajoelhado,
Mas vê-se sempre esquecido
Pobre Pierrot empoado,
Ai! pobre Pierrot perdido!

Tudo passa, tudo passa,
Porque tudo já passou;
E o que não passa embaraça,
A não ser que seja a graça
Da tristeza de Pierrot...
Tudo passa, tudo passa,
E se não passa, passou!

Ai! pobre Pierrot perdido,
Pobre Pierrot empoado!
Tu vives sempre escondido
Neste sonho adormecido
Que eu sonho sempre acordado
Ai! pobre Pierrot perdido,
Pobre Pierrot empoado!

Março, 1921.

Alfredo Pimenta

COLISEU DOS RECREIOS Telef. C. 4196

HOJE — A's 20,45 — HOJE

ESPECTACULO DA ACCIONISTAS --- Ultima semana da actual

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

O melhor, mais variado e mais barato espectaculo de Lisboa

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

POLITEAMA

Telef. C. 1028 A's 21,15

EMPRÊSA LUÍS PEREIRA

COMPANHIA LUCILIA SIMÕES dirigida por LUCINDA SIMÕES

A afamada peça em 4 actos de BRETON

Z A' Z A'

Dado o grandioso exito obtido por esta peça foi transferida para o dia 14 a festa da gloriosa actriz Lucinda Simões, com a comedia de CAVESTANY

IDILIO DE VELHOS

Os srs. assinantes têm preferencia aos seus lugares para esta recita extraordinaria, até ámanhã

Domingo, 8 — 8.º concerto de assinatura pela Orquestra Sinfonica de Lisboa sob a direcção de FERNANDES FÃO

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

Companhia Otelo de Carvalho

de que fazem parte

Antonio Gomes, da Trindade, Laura Costa e Julia de Assunção — 124 representações

— HOJE — EM DUAS SESSÕES —

A mais moral e graciosa das revistas

Bichinha Gata...

A querida do publico

Com sucessivas enchentes

Os mais alegres e baratos espectaculos da actualidade

AVENIDA

Pai Simão

EDEN-TEATRO

HOJE

DIA DE REIS

2 SESSÕES

A imortal, querida, popular e encantadora revista

TIC-TAC

Brevemente

O QUADRO NOVO PARA FESTA DE

Nascimento Fernandes

1922

28

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Reis Magos

Naquele tempo os homens guiavam-se por estrelas. E como as estrelas brilham e iluminam, todas as passadas iam dar a Jerusalem do sonho, e o caminho fazia-se atapetado de rosmaninho e rosas. Escorria da vida o perfume dos nardos, e nos vales da existencia perpetuamente pairava o aroma da flor da laranjeira. Hoje os homens guiam-se por instintos, e as estrelas, que não deixaram de brilhar, vivem apenas, já sem serem o guia de nenhuns olhos, na fronte dos marinheiros, roidos de saudade, e dos parias, que adormecem sobre a terra, passeando a sua desdita pela facha de S. Tiago.

Naquele tempo os Reis eram bons, tinham fé, e deixavam-se guiar por inspirações. A inspiração, sob a forma de estrela, disse-lhes que o menino tinha nascido entre a doçura das cousas inferiores, os animais e as palhas, e eles lá foram. Como era Rei, os outros reis levaram-lhe ouro; como era Deus, levaram-lhe incenso; como tinha de ser Homem, levaram-lhe mirra. E os Evangelhos, e as biblias, e as lendas, e os versos fizeram a festa dos Reis, enchendo-a de poesia e de espirito de submissão?

Bons tempos!

A lenda de hoje truncou-se e gira só á roda da tradição de um bolo, grande bolo Rei que os iconoclastas quizeram chamar Nacional, julgando que a poesia das lendas se compadece com as brutalidades dos acontecimentos.

Bons tempos!

Depois de Jesus ter crescido e morrido, fizeram Rei da Cristandade um seu apostolo, que ainda hoje pontifica, na sucessão dos seculos, dentro da prisão maravilhosa de S. Pedro. Os outros Reis da terra governaram como despotas, e, alfim, cansados da Realeza, elegeram os homens Rei do Povo, na ascensão vertiginosa das conquistas sociais. Os livros, as doutrinas e as catequeses oferecem-lhe hora a hora o ouro falso da felicidade, o incenso da soberania e a mirra ironica das guerras e das catastrofes.

Para nós, portugueses, é significativo o dia de hoje. Chega ao Tejo uma mulher, que em nome do Rei Povo foi deposta do seu titulo imperial de rainha, e ao Rocio chega outra mulher, viuva de um principe deposto, que o Rei Povo exilou, em nome da Soberania.

Mas por outro lado, e por outras circunstancias, o Povo continúa tambem exilado do seu titulo real e da posse do seu ouro, enebriado entre fumos de incenso e das mirras ordinarias.

Bons tempos os antigos! Os três Reis Magos foram os unicos reis que reinaram e reinam ainda. Num presepio pequenino que havia em minha casa, na provincia, três reisinhos de barro, pintalgados de côres ingenuas — e que ainda lá estão — tem mais eternidade e mais beleza que todos os Reis que vieram depois, quer fossem os que seguiram a Pedro, o pescador, quer fossem os que seguiram a Cesar, quer seja este que dizem que agora governa — e se chama a democracia.

Reisinhos da minha infancia, feitos por mãos ingenuas de pastores que moldavam barro. Eu sou confesso vassalo! Sois os unicos que a gente pode ainda trazer nas palminhas da mão...

Norberto de Araujo

A ex-imperatriz Zita

chega hoje a Lisboa

O vapor *San Miguel*, a bordo do qual viaja a ex-imperatriz Zita, deve chegar, segundo comunicação recebida na séde da Empresa Insulana, ás 18 horas em frente de Cascaes. O *San Miguel* ainda hoje deve entrar a barra, conservando-se ao largo durante a noite. O desembarque efectua-se ainda hoje na doca de Santos.

A esposa de Carlos d'Habsburgo, ao que parece, embarca ámanhã no «rápido» de Madrid.

Major general da armada

Confirma-se a noticia que ha dias, de ser nomeado major general da armada, o almirante sr. Pereira Nunes.

O MOMENTO POLITICO

O SR. DR. TRINDADE COELHO RESPONDE AO SR. RODRIGUES GASPAR

A PROPOSITO DUMA ENTREVISTA

"Os partidos fizeram muralha entre o regime e a Nação—Compete aos republicanos integrar a Nação no regime, porque não ha regimes que vivam e perdurem sem o consenso das maioria"

Estando ha muito tempo em moda as entrevistas, tambem o sr. deputado Rodrigues Gaspar concedeu uma entrevista ao *Seculo* sobre os *pontos de vista* do P. R. P. em face da ultima crise.

Em primeiro logar, aqui declaro que ignorava que o P. R. P., após a historia elucidativa destes ultimos anos de regime, se désse ao luxo de possuir *pontos de vista*. Se o senhor Rodrigues Gaspar, porém, se quere referir a *pontos de mira*, então estamos todos de acordo, porque ao Partido Democratico continuam cabendo a gloria e partilha do maior numero de movimentos á mão armada. Mas vamos por partes. Afirma, antes de mais, o senhor Rodrigues Gaspar, que o senhor presidente do ministerio pediu aos partidos um verdadeiro absurdo: o de determinado numero de candidaturas, transformando assim os partidos numa *manada inconsciente*. Então, julgaram-se a si mesmo os partidos *uma manada inconsciente*, permitindo que ministros seus continuassem colaborando no actual governo. A afirmação do senhor Rodrigues Gaspar, porém, não é exacta: o que o senhor presidente do ministerio pediu foi *o auxilio* dos partidos para se entregarem, *a competencias*; isto é, a representantes dos organismos economicos e a republicanos sem filiação partidaria, *as quarenta e sete vagas de deputados* que os partidos, já depois de dividido o bolo, ainda queriam chamar a si. A que pensamento obedeceu o senhor presidente do ministerio, *colocado* em frente de *quarenta e sete vagas?* A um pensamento de moral republicana: ao pensamento de organizar umas camaras muito diferentes — *ou pelo menos diferente* das camaras antigas, *que há três anos* não votam orçamentos enleadas no anonimato legislativo e no corrilho fraldiqueiro, contra o disposto no artigo 54.º da Constituição da Republica. Sou insuspeito ao declará-lo porque por duas vezes — e publicamente — manifestei a opinião de que o governo, em materia eleitoral, só devia fazer duas coisas: garantir *ordem publica* e garantir *a liberdade de sufragio*. Mais nada. De resto, não acho que seja prodiga de generosidade a concessão de quarenta e sete candidaturas a um governo que tem procurado, através tudo, solucionar o problema da ordem na sociedade portuguesa, ordem *por todos* alterada, a começar pelos partidos e a acabar pela guarda, creada *expressamente après Monsanto* pelo partido democratico que, depois do sr. Liberato Pinto ser chefe do estado maior, *expressamente*, tambem, o elegeu membro do seu directorio, Em que democracia, ou melhor, em que pais, se permitiria este *jogo descarado*, senão no nosso, onde a opinião publica não existe há muito, porque a correram a pontapés os *soi-disant* representantes dela? Valha-nos Deus, a todos, que bem pode!

* * *

Afirma o sr. deputado Rodrigues Gaspar que o partido de s. ex.ª não colaborou *no 19 de Outubro e noutros movimentos*. Já respondi a parte da afirmação do sr. Rodrigues Gaspar; e, quanto ao *19 de Outubro, chefiado* por um membro do directorio, o sr. coronel Coelho, nele tiveram participação varios e variados elementos do partido democratico. Contra as resoluções do directorio? Sem duvida, porque vi, nos jornais, prévias declarações. Em todo o caso, a participação foi *real* e *ostensiva*, o que significa que ou a massa do partido não ouve o directorio ou o directorio não ouve a massa do partido. Numa hipotese ou noutra, um fenomeno resalta á vista: *a indisciplina* do chamado *mais forte partido* da Republica. Esta indisciplina é manifesta e é logica, porque a curva da chefia é de delirio: partiu do sr. Afonso Costa para chegar ao sr. Nunes Loureiro. E devendo salientar, como um *factor isolado* no meio da desordem, a atitude do sr. Domingues dos Santos, que logo de inicio rompeu fogo contra as *soluções constitucionais* dêste grande manicomio politico, o facto de o sr. Domingues dos Santos não realizar a projecção do seu gesto, só se explica pelo seguinte: pela profunda descrença da opinião publica nos partidos politicos, factores imprescindiveis da vida normal do Estado e simbolos do invidavel respeito á lei. E' que a opinião publica só se movimenta, repito-o, pela *autoridade moral* dos que pretendem dirigi-la; e a autoridade moral nada mais é do que a *coerencia entre o pensamento e a acção*. Porque pensar uma coisa e fazer outra, pode ser comodo—mas é torpe. O sr. Rodrigues Gaspar será o primeiro a reconhecer-me razão e a aplaudir-me, decerto, sempre que eu afirmo a seguinte verdade imanente: que ou os partidos *se refazem*—e estão salvos, ou os partidos *reincidem*—e estão perdidos. Ninguem, mais do que eu, como português, como republicano e como estudioso de direito politico, deseja *a normalidade da vida do Estado*, que encerra, entre os seus factores, o da acção juridica—no campo do direito e no campo da moral—dos partidos politicos organizados. Fora do direito e da moral, não há *partidos:* há *facções;* não há *patriotismo:* há *personalismo*. Em *personalismo* temos vivido e continuaremos vivendo, emquanto nos não convencermos dêste *axioma:* de que um partido politico não se forma á volta de *homens:* forma-se á volta de *idéas*, idéas simbolizadas, num dado momento, pelos homens que as proclamam, as agitam e as defendem.

* * *

O senhor Rodrigues Gaspar parece dar a entender que as eleições não teem sido feitas no ministerio do Interior e que o eleitorado, assim, é livre. E' *blague* ou *sonho* de s. ex.ª? Em que temos nós vivido senão em rebanho de carneiros guiado pela vara do pastor?

O senhor Rodrigues Gaspar bem sabe que os ataques cerrados contra o *parlamentarismo* veem desde a epoca constitucional. O vicio, porém, é do *parlamentarismo?* Não. O parlamentarismo está safo de culpas. O vicio é da *origem falsa* do parlamentarismo, inocente do vil conubio do Terreiro do Paço com a regedoria abjecta da provincia. O *parlamentarismo* faliu, entre nós, pelas mesmas razões por que faliu a *instituição do juri*: pela nossa falta completa *de instrução e de educação civica*, agravada, no regime, *pela selecção ao invés*, selecção que perverteu os poderes. que desonrou a imprensa e que desorientou os caracteres. O mal, entre nós, do *parlamentarismo*, reside nisto: em nós nunca temos tido *parlamentarismo*. O eleitorado aceita o que lhe impõem. Foi para acabar com esta miseria toda que João de Deus fez a *Castilho* e que alguem escreveu, antes do *Manual*, os *Folhetos para o Povo*. Tudo inutil. Tudo no pó amargo! Tudo no olvido e no tripudio impune.

E eis tambem porquê, fiel aos principios em que fui educado, eu não aceito candidaturas: porque deshonraria o meu nome, fingindo pugnar por interesses que não conheço e por homens que nunca me viram. E, por ultimo: o senhor presidente do ministerio não tem a pretensão idiota de transformar *sistemas* ou *processos*.

Isto é, não pensa em transformar o *pessimo* no *optimo:* pensa apenas em principiar corrigindo os defeitos que de longe veem.

Quanto á campanha contra os partidos,

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

UMA FIGURA QUE DESAPARECE

A MORTE DE PATO MONIZ

Com o desaparecimento deste artista fica aberta mais uma vaga no quadro dos artistas do Nacional

Faleceu esta madrugada, ás 4 horas, na sua casa, na rua Passos Manuel, 128, o actor Pato Moniz, artista do quadro dos societarios do teatro Nacional. Tombou mais um lutador da Arte scenica, uma figura interessante do nosso teatro, com uma carreira de trabalho intenso e extenuante, embora sem grandes vôos, a despeito do falecido haver sido, em tempos idos, figura primarcial de algumas companhias de declamação, distinguindo-se, marcando um logar entre os muitos artistas notaveis do seu tempo, contrascenando com alguns que ergueram alto o seu nome e se consagraram. Tipo simpatico, popular, artista mais por temperamento e por intuição do que mercê de profundos conhecimentos. Pato Moniz supria a falta de cultura, que não tinha, por um bem intensificado desejo de se ilustrar e aprender. Trabalhou em quasi todos os teatros de Portugal, ilhas e Brasil, tez um reportorio enorme, principalmente no drama e na comedia, mas, não tendo nunca alcançado uma situação dominante, levava quasi sempre vida dificil, atribulada. Um resfriamento grave de que foi acometido em tempos, no Porto, quando ali foi *filmar* uma das fitas da *Invicta*, degenerou-lhe numa bronquite asmatica, de que começou sofrendo dolorosamente. A despeito do muito que fez para se curar, o seu mal agravou-se cada vez mais, a ponto de, nos ultimos meses, quando tinha de trabalhar, fazia-o com imensa dificuldade, impressionando até quem o via e ouvia. De porte distincto, com uma figura atraente, Nuno Alvares Pereira Pato Moniz era descendente do poeta Pato Moniz, contemporaneo de Bocage, e, mais remotamente, de Egas Moniz, o vassalo fiel de Afonso Henriques. Viuvo ha muitos anos, tinha três filhas, duas casadas, uma delas com o sr. Luis de Montalvor, e outra com o sr. Alvaro Pires, joalheiro da rua da Palma, vivendo em companhia de sua filha solteira.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz nasceu em 30 de Junho de 1863, contando portanto 59 anos incompletos. Representou a primeira vez na ilha da Madeira, em 1885, no drama *Alfageme de Santarem*. No ano de 1887 esteve escriturado no teatro Baquet, do Porto, na empresa de Perry & C.ª; em 1888 representou no Avenida, passando depois para o Principe Real, onde, ao lado de Adelina Abranches e Ernesto do Vale, fez um enorme repertorio de peças a que se convencionou chamar dramalhões. Transitou depois para o Nacional, fez três epocas no Gimnasio, na empresa Alvaro Monteiro, depois do que foi nomeado societario do teatro Nacional, em cujo repertorio se integrou por largo tempo. No começo da ultima epoca veiu ao Trindade fazer a peça *A boneca misteriosa*, percorreu a provincia, no ultimo verão, com uma companhia dirigida por Luis Pinto e, esta epoca, no Nacional, apenas interpretou dois papeis: o *Conde da Ponte*, na peça *D. Afonso VI*, de D. João da Camara, e *João da Cruz*, no drama *Amor de perdição*. Filmou varias fitas da *Invicta* do Porto, entre elas, *Fidalgos da Casa Mourisca* e *Amor de perdição*.

Por motivo do falecimento do infortunado artista, não há hoje espectaculo no Nacional, realizando-se o seu funeral, ámanhã, ás 12 horas, da sua residencia, rua Passos Manuel, 128, 1.º, para o mausuleu dos artistas dramaticos, no cemiterio dos Prazeres.

No corpo de marinheiros

Realiza-se ámanhã a ratificação do juramento de bandeira

Realiza-se ámanhã, pelas 14 horas e meia, no Quartel do Corpo de Marinheiros, a ratificação do juramento de bandeira dos recrutas da armada com a assistencia do ministro da Marinha e major general da armada. O referido corpo, com a banda á frente, forma na parada sob o comando do seu 1.º comandante, capitão de mar e guerra sr. Julio Milheiro.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

PROEZAS DA GATUNAGEM

VINTE CONTOS DE JOIAS

foram roubados esta madrugada, depois de um arrombamento na ourivesaria "Dragão de Prata"

Nós, que haviamos galgado a meia duzia de ruas que separam o *Diario de Lisboa* do local do furto, convictos de que se tratava de um acto de banditismo inverosimilmente rocambolesco, ficámos boquiabertos, de esperanças perdidas, deante do *Dragão de Prata*, da rua de S. José, violado na madrugada de hoje por um bando de larapios sem engenho.

Tudo aquilo é modesto. Duas portas separadas por uma *vitrine* e defendidas pelo já classico ferro ondulado, um dragão prateado, toscamente recortado em metal ordinario, a reclamar o estabelecimento e, contemplando com uma filosofia inconsciente o grave ultraje ao direito da propriedade, um civico da esquadra proxima, de *bonet* ás três pancadas e sintomas visiveis de estar incluido no raio de acção da carestia da vida.

* * *

Como se realizou o roubo? Um empregado elucida e o *reporter* com facilidade reconstitue o trabalho dos gatunos.

Cinco para seis horas da madrugada. Aquela centena de metros que vai das portas de Santo Antão ao hospital de Santa Marta, começa a morrer aos primeiros rebates do dia novo. O Colegio Nacional e a administração dos correios e telegrafos que, em edificios orgulhosos, enfrentam o *Dragão de Prata*, fecham o dia de trabalho com o pôr do sol e os transeuntes são tão raros como os ministerios estaveis. Os gatunos operaram pois á vontade. A porta principal foi cortada horizontalmente, numa extensão de quatro decimetros, a meia altura. Depois, á força de pulso, rasgaram um quadrado, bastante amplo para dar passagem a um homem.

A rua continuava adormecida. O guarda-nocturno, que já não resiste aos anos quanto mais ao frio persistente destas madrugadas de começo de ano, estava a bom recato. E o vai-vem do ouro, da prata, das pedras preciosas, começou. Aneis, alfinetes de gravata, pulseiras, bocados do metal precioso. Ao todo, quanto? É ainda o empregado quem calcula:— Dezoito, talvez vinte contos. Mas ainda não fizemos o balanço...

Os gatunos, informaram-nos, já a estas horas se encontram presos. Mais adiante o leitor encontrará o comunicado oficioso da Parreirinha, com dados mais noticiosos. Por ora, sabemos que são tres, que o roubo já começou a ser apreendido. Tarefa escusada...

* * *

São duas da tarde. A tinta forte deste sol de janeiro dá vida á rua, agora anormalmente movimentada pelo acontecimento. Junto ao *Dragão de Prata* ha gente miseravel. Atravez a porta arrombada olha, curiosa, o estabelecimento, mortiçamente iluminado por uma lampada electrica de poucas velas. O ouro, naquela meia treva, faisca e a pedraria preciosa espalha na sala fragmentos de arco-iris. Os miseraveis que se amontoam no passeio— os ricos não gostam de contemplar o roubo porque estão fartos de o encontrar durante as suas excursões á margem do Codigo...— olham aquilo tudo sofregamente, cubiçosamente. Os farrapos amontoam-se, as pupilas dilatam-se e nelas todas palpita um grande desejo de pilhagem. A ideia do roubo é, em regra, condicionada pelas rasões da vida...

* * *

A faina do *reporter* terminou. Um ultimo olhar pelo *Dragão de Prata*, momentaneamente anemisado pela audacia de tres larapios e, a finalisar, o reparo num berro do civico, que não se quer vêr enrodilhado na turba:

—Eh! gente! Que fazem aqui?

S. P.

Os gatunos, que já se encontram presos, chamam-se: Manuel Fernandes de Amorim, rua do Passadiço, 18, 3.º e Domingos Marques, rua do Comercio, 42, 3.º O receptador do furto, chama-se Eloy e reside na calçada da Pichelaria. Foram detidos no Alto do Pina, de madrugada, pelo policia de serviço, que suspeitou deles, por transportarem um volumoso saco com joias no valor de 5:000 escudos. Realizaram as necessarias diligencias os agentes Serra e Pimentel.

A POLITICA DOS PARTIDOS

O ENGRANDECIMENTO DO PAÍS E UM PLANO DE REALIZAÇÕES REGIONAIS

O PROXIMO CONGRESSO DO P. R. P.

O sr. dr. João Luís Ricardo, antigo membro do Directorio, entrevistado pelo "Diario de Lisboa", esclarece curiosamente os pontos daquele programa e alude um pouco á actual situação politica

Se o sr. dr. João Luís Ricardo, membro do partido democratico, como é notorio, não tivesse probabilidades de ser eleito deputado por Lisboa nas proximas eleições, a entrevista seria mais ampla e mais curiosa.

Ainda assim, ninguem perde em a ler.

Estas entrevistas com politicos, observadas as devidas e competentes distancias, lembram-me sempre entrevistas com mulheres. O jornalista espera, como nós hoje esperamos meia hora; depois, s. ex.ª, o entrevistado, rei descuidado do nosso tempo, fixa-nos muito e começa a dizer que não dá a palestra.

Insistencia daqui, frase dali e, por ultimo, já vencido, o politico, neste caso o sr. dr. João Luís Ricardo, lá se abre e diz:

— Quando falei na Caixa Economica Operaria, relembrei o programa do Directorio do P. R. P. elaborado antes de Sidonio Pais.

O gabinete está cheio de gente, sentada com mais ou menos arte, nos *mapples*. Os *mapples* não pertencem á nossa fantasia. Estão lá certissimos no gabinete do sr. João Luís Ricardo, para qualquer politico poder descançar e dizer mal do governo. Baltazar Teixeira, de barba negra, perseguida de desgôstos, ainda não afirmados, em fios brancos, entra concertadamente com a sua pasta, que não pesa com os votos que lhe deram certos eleitores de certo circulo do Alentejo.

—O que era o meu plano? Inquire o senhor. As juntas de paroquia, as comissões distritais, as camaras municipais, sintetizavam as suas aspirações... Daqui partia um plano grandioso de engrandecimento local que seria estudado pelos deputados e autoridades de cada região, que seria mais tarde discutido e aprovado pelo directorio do meu partido e, finalmente, escrito em fórma de programa governativo...

O sr. dr. João Luís Ricardo, apesar de nos parecer uma pessoa deveras susceptivel, consentirá esta observação? Observação inocente e verdadeira é esta que se passa a dizer:

O sr. dr. João Luís Ricardo fala muito baixo, muito baixinho, numa invisivel eloquencia parlamentar, que nos deixa por vezes ás escuras, quanto ao seu pensamento.

—Está a vêr que este plano fomentaria o engrandecimento de cada região, e, implicitamente, o de todo o país. Quando o meu partido tomasse conta do poder já levava um plano feito, que teria de cumprir.

—Esse plano é um plano de eleições?

—Para agora, não. No entanto, compreende, que os eleitores veriam com mais simpatia as criaturas que lhe apresentassem este programa. Se ele fosse cumprido, nas eleições que se sucedessem áquelas em que tivesse sido apresentado, os eleitores votariam com mais confiança, para que as suas aspirações fossem realizadas integralmente...

—Mas isso é a descentralização dos poderes do Estado!

Baixa ainda mais a voz do sr. dr. João Luís Ricardo. A conversa aumenta na sala onde o sr. Baltazar Teixeira se mantem alinhado no seu sobretudo, como um militar disciplinado do P. R. P. No entanto ouvimos:

—Seria, seria... Mas o que diz, o Codigo Administrativo? O plano do Directorio, feito antes de Sidonio Pais, cumpria o Codigo.

—Então?

—Plano de administração local; portanto, geral.

—E está posto de parte?

—Não sei... No meu discurso citei-o; deram-me apoiados. O meu partido abandonou a sua organização desde Afonso Costa... Depois Monsanto, estes barulhos continuos; falta de ordem... Oh! a ordem!

E depois, muito levemente, voltando sempre a preguntar as mesmas coisas ao entrevistado, com pena de passarmos por estupidos, tão baixinho ele falava, quizemos abordar o actual momento politico.

O sr. dr. João Luís Ricardo, segundo nos pareceu, só se deixou entrevistar até ao seu plano. Depois, conversas, conversas particulares. Observamos o reatco dessas conversas? Observámos. No emtanto, resta-nos ainda um meio de dar aos leitores o justo pensamento do sr. Luís Ricardo: fazer-lhe preguntas. Por elas, com raciocinios simples, o leitor verificará . . .

—A sua opinião sobre o acual momento politico?

—Reservo-a para o congresso do partido . . . Ha um programa minimo, uma frente unica . . .

—E concorda?

—No todo, sim; ha detalhes . . . Mas por agora, não, não direi nada . . .

—Mas v. ex.ª não concorda com o apoio que os partidos estão dando ao governo? Repare, trata-se da ordem . . .

—Ah! isso sim . . .

—Questões eleitorais, acordos . . .

A voz do sr. dr. João Luís Ricardo quasi se extingue. Qualquer poeta poderia defini-la, como voz de além campa . . . Acordos? Não, não agradaram ao entrevistado.

—Mas não digo nada. Vem aí o congresso. Então, se discordar, pode-me preguntar a razão porque discordo . . .

—Discorda?

Encolher de ombros; voz quasi extinta:

—Não se deve aumentar a confusão. O que é preciso é um programa nacional; melhorar a situação economica com estes tres factores: um emprestimo, aumento das contribuições e redução do nosso *deficit*.

Nesta altura, o sr. João Luís Ricardo, um pouco mais claramente, fala-nos na reorganização dos ministerios.

—Mas esse plano nacional poderia ser o do directorio?

—Podia.

E como um sonho triste, tristemente avança o dr. Baltasar Teixeira até junto da secretaria do seu correligionario. O que se vai passar?

Uma pregunta, que fizemos a nós mesmos no corredor do Ministerio do Trabalho:

—Estará o sr. dr. João Luís Ricardo satisfeito com o actual governo? Com o sr. António Maria da Silva?

Ele não o disse, mas iamos jurar que não estava...

14 casos de difteria e 9 de variola em Lisboa

Segundo o Boletim de Saúdade Interna, na semana finda em 31 de Dezembro, manifestaram-se em Lisboa 14 casos de difteria, 8 de febre tifoide, 1 de meningite, 1 de tosse convulsa e 9 de variola.

A reorganização do ministerio das Colonias

Os funcionarios do ministerio das Colonias pediram uma audiencia ao respectivo ministro, a fim de lhe pedir para proceder á reorganização do ministerio, visto que a actual não corresponde ás exigencias do serviço.

Os Teatros

Atraz do reposteiro

Todas as peças entregues para o concurso que vai fazer-se no Nacional foram todas confiadas a um unico empregado, o fiscal do teatro, que, tendo-as recebido em conformidade com o decreto publicado no «Diario do Governo», passou de todas elas o respectivo recibo, tambem em conformidade com a lei. Ontem, ultimo dia para a sua entrega, foi enorme a quantidade dos originais recebidos.

—A peça espanhola, dos Quinteros, «O Centenario», que sobe á scena no Nacional, na proxima semana, em 4.ª recita de assinatura, passa-se toda numa unica scena, uma pitoresca habitação de Espanha, com o seu mobiliario e adornos caracteristicos.

—Augusto Pina, novo administrador do Nacional, tem recebido inumeras cartas e telegramas de felicitação de artistas, escritores e velhos amigos. A portaria, confirmando a sua eleição, foi já para o «Diario do Governo».

—O empresario Luís Ruas telegrafou-nos do Porto, dizendo que o teatro Apolo apenas será explorado por ele directamente, ou pelo sr. Augusto Gomes. A companhia Ruas estreia-se, de facto, no Apolo, no dia 1 de Março.

—A companhia Augusto Gomes, que está funcionando no Apolo, parte para o Brasil no dia 4 de Março, estreando-se no teatro Republica, do Rio de Janeiro, com a revista «Pam», por conta do empresario José Loureiro. Na sua volta a Portugal irá para o Nacional, do Porto, onde passará todo o seu repertorio, estreando-se com uma nova revista de Carvalho Barbosa e Arnaldo Leite e indo depois, em Março de 1923, para o Apolo, onde se estrearà com uma nova revista de Lino Ferreira e Xavier de Magalhães.

—Henrique Alves fará no Apolo a sua recita com a «reprise do «Pam»; Justina de Magalhães com a «reprise» da «Princesa Magalona», em recita unica, e Maria de Lourdes Cabral fará igualmente a sua primeira festa artistica, no proximo dia 28 do corrente.

—Palmira Bastos deve seguir para as ilhas, com a sua companhia, no proximo dia 20 do corrente.

—Do actor Carlos Leal, actualmente no Porto, de regresso de Braga, recebemos um cartão de boas festas, com os agradecimentos ao nosso jornal dos cumprimentos que fizemos a todos os artistas.

—A companhia do Aguia de Ouro, do Porto, está ensaiando activamente a nova revista «Pica-pau», de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa. A mesma companhia alcançou grande sucesso em Braga, com o «Tic-Tac», indo ámanhã e depois dar espectaculos á Povoa do Varzim.

—Alves da Cunha, com a sua companhia, dá no Aguia de Ouro mais três espectaculos: hoje, ámanhã e domingo. As suas receitas até agora, nos espectaculos que realizou, são qualquer coisa de apreciavel.

—Foi adiada, «sine die», a recita da ilustre actriz Lucinda Simões, no Politeama.

RECLAMES

Nacional — Não ha hoje espectaculo, devido á morte do actor societario Pato Moniz.

Avenida — Continuam as enchentes, mercê do agrado obtido pela comedia «Pai Simão».

Coliseu dos Recreios — Poucos dias restam já para o publico poder admirar os trabalhos da actual companhia de circo.

Salão Foz — Perfaz hoje 124 representações a «Bichinha gata...», a grande atracção deste Salão.

Apolo — A mais bela resistencia, a mais emocionante vibração, o publico encontra na festejada revista «E' o leva...»

Eden — O Dia de Reis era, antigamente, um dia tão festejado como o de Natal; o Eden festeja-o na mesma, representando a grande revista Tic-Tac.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — Não ha espectaculo.
S. Luis — A's 21 — «A Moreninha».
Politeama — A's 21,15 — «Zázá»
Avenida — A's 21,30 — «Pai Simão».
Apolo — A's 21-15 — «E' o levas...»
Chiado Terrasse — Não há espectaculo.
Eden-Teatro — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-Tac».
Salão Foz — A's 20,30 e 22,30 — «Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios — A's 20,45 — Grande companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «O remorso».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Quintas, sabados e domingos — «O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Salão da Promotora — (Ao Calvario) — Aos domingos, segundas, quintas e sabados: — Animatografo.

Expedição de malas postais

A'manhã são expedidas malas postais pelo «Deseado», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires; pelo «Beira», para a Madeira e Africa ocidental, e pelo «Funchal», para a Madeira, Açôres e Africa oriental via Madeira, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral para o primeiro e ás 9 para os dois restantes.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Emprêsa Técnica Industrial, L.da

TEL. C. 854 — **292, RUA AUREA, 292** — TEL. C. 854

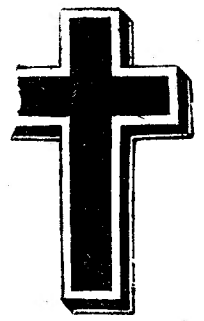
REPRESENTANTES DA FÁBRICA

— LANZ —

LOCOMÓVEIS E SEMI-FIXAS INDUSTRIAIS

EM ARMAZEM E A CHEGAR Á ALFANDEGA GRANDE QUANTIDADE DESTAS MÁQUINAS

A PRESTAÇÕES
Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á **A Electro-Quimica, Ldu.** — **Rua Douradores, 29, 3.º**



Alcestina Faria dos Santos
FALECEU

Alfredo Augusto dos Santos, Alfredo Augusto dos Santos Junior, sua esposa Dulce dos Santos e seu filho Fernando, Alice Frederica dos Santos e sua filha Yvonne, Alberto Guilherme dos Santos, Celeste Elvira dos Santos, Cesar Augusto dos Santos, Carlos Augusto dos Santos, Edulia Faria e Raul Braga cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas de suas relações o falecimento de sua querida esposa, mãe, avó, sogra e irmã, e que o seu funeral se efectuou em 5 do corrente, não se tendo feito anuncio e convites, por expressa vontade da querida finada.

Caminhos de Ferro Portugueses
Avlso ao publico

Sobretaxas

A partir de 9 de Janeiro de 1922, e com a devida autorização do governo, é elevada a 300 por cento a sobretaxa actualmente em vigor nas linhas desta Companhia, anunciada pelo Aviso ao Publico A. n.º 28 de 18 de Outubro de 1920.

Esta sobretaxa incide sobre todas as cobranças feitas ao abrigo das tarifas, seus aditamentos e Avisos ao Publico em vigor, com excepção dos bilhetes de passageiros e das mercadorias, em grande e pequena velocidade a seguir indicadas, que continuam sujeitos apenas á sobretaxa de 200 por cento:

Assucar, arroz, azeite de oliveira, bacalhau, batata, briquetes (aglomerados de carvão mineral), carqueja, carvão vegetal, castanha, centeio (grão), ervilha verde, farinhas de centeio, milho e trigo em barricas ou sacaria ordinaria; fava verde, faxina, feijão seco ou verde, frutas frescas, grão de bico, leite, lenha, massas alimenticias, milho, motano (rama de pinheiro), peixe fresco, salgado, salpicado ou em salmoira; toros para exportação pela barra de Lisboa, trigo.

Fica pelo presente modificado o Aviso ao Publico A. n.º 28 de 18 de Outubro de 1920. Lisboa, 4 de Janeiro de 1922. — O director geral da Companhia, **Ferreira de Mesquita.**

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"
Rua Luz Soriano, 48

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 — Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

ELECTRICIDADE--MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

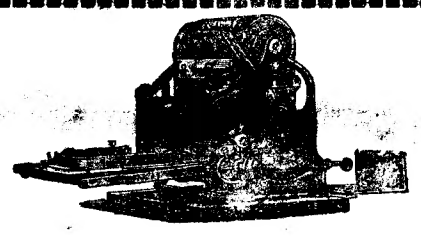
Banco Industrial Português
Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$** — LISBOA — **CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!
O DUPLICADOR
RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

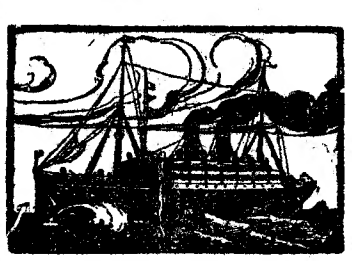
pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —
Rua da Conceição, 125, 4.º
LISBOA — Telefone C. 320 — LISBOA

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa



Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor
R. do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. — LISBOA

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

A AGITAÇÃO IRLANDESA

Um jornalista raptado

por não querer desmentir o que afirmara num artigo

O ministro "sinn-feiner" das publicações vai mandar proceder a um inquerito

LONDRES, 6.

Causou sensação em Dublin o rapto do sr. Kay correspondente do London Times *que assistiu ás reuniões do* Dail Eireann. *O sr. Kay com outro jornalista estava tomando refrescos numa pastelaria ontem á tarde quando entraram três homens que ameaçaram o grupo com revolvers. Kay foi mandado entrar num automovel sob ameaça de morte se resistisse e levado rapidamente para local desconhecido.*

Antes de partir, os raptores declararam aos oututros correspondentes que o sr. Kay era levado para ser obrigado a refutar o que tinha escrito. Os outros correspondentes dos jornais apresentaram energicos protestos ao Dail Eireann *contra este ultraje pedindo a imediata libertação do sr. Kay e a punição dos raptores. Esta tarde o ministro* sciun feinner *das publicações disse que lhe tinha sido comunicado pelo oficial comandante das tropas irlandesas em Cork que o jornalista tinha sido conduzido para ali. Proceder-se-há a um imediato inquerito sobre este assunto, tendo sido prometido pelo oficial comandante das forças que o referido correspondente seria libertado no praso de hora e meia. — (U. P.)*

De Valera apresenta no "Dail Eirean" um novo tratado

LONDRES, 6

De Valera fez uma ultima tentativa contra o tratado anglo-irlandês, publicando no «Republic of Irland», que se diz orgão oficial do seu partido, um tratado para substituir aquele. Este tratado foi submetido por De Valera ao «Dail Eirean», nas sessões secretas, antes do Natal, e só agora foi tornado publico. E' acompanhado duma proclamação dirigida ao povo irlandês, em que se recomenda que continue firme, recusando o tratado assinado em Londres.

A opinião de Griffith e da imprensa

O sr. Griffith, «leader» do partido que é a favor da ratificação, declara que o tratado agora apresentado por De Valera difere muito do projecto apresentado nas sessões secretas.

O «Freemans Journal» diz que o povo irlandês não encontrará no absurdo documento do sr. De Valera justificação alguma para a sua tentativa de dividir a nação, em crise pelo seu futuro.

Os discursos já pronunciados

Ao reabrir o «Dail Eirean» foi anunciado que, devido a reuniões particulares dos membros dos partidos da oposição, ficava a sessão adiada. Ficou assente que se realise uma nova sessão particular, onde será apresentado o relatorio daquelas reuniões, julgando-se que esta resolução representa a tentativa final para se chegar a um entendimento.

Até agora já foram feitos 69 discursos no «Dail Eirean» sobre o tratado, sendo 35 a favor e 34 contra—(R.)

Mario Machado
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da boca e dentes
CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

A OPINIÃO DAS IMPRENSAS FRANCESA E INGLESA

AS RELAÇÕES FRANCO-BRITANICAS CONTINUAM MUITO TENSAS

"Hoje é preciso compreendermos que o nosso principal inimigo é a Inglaterra" — dizia ha tempos um jornal francês

A imprensa britanica continúa atacando violentamente a imprensa francesa e viceversa.

Não se compreende porque os dois governos não se resolvem finalmente a exporem com toda a sinceridade, por intermedio dos respectivos parlamentos, os sentimentos que as duas nações se inspiram mutuamente.

Assim terminariam de vez com esta campanha que não faz mais do que exacerbar os sentimentos de antipatia que os animam; a exaltação actual cairá e as nações, desfeitas ou reconhecidas as causas de irritação, principiariam a sua politica de harmonia, ou cada qual retomaria a sua independencia.

A «Pall Mall Gasette» de Londres, dizia ha dias o seguinte:

«Ha algum tempo o redactor de um grande jornal pediu uma discussão franca das causas de divergencias entre a Inglaterra e a França. A visita do sr. Briand era considerada como ocasião favoravel para isso.

Esta visita fez-se, mas não houve qualquer discussão.

Contudo ha muito que ela é necessaria, porque é preciso não perder de vista que a propria Alemanha nunca atraiu sobre si censuras tão violentas, tão unanimes e acerbas como as que a Inglaterra recebe hoje em França.

A grande massa da imprensa francesa fala ha muito tempo da Inglaterra com uma liberdade de linguagem que raramente se tem visto empregar pelos jornais de todos os paises.

Há um ano, pouco mais ou menos, um diario em que, segundo se diz, o sr. Briand tem interesses, publicou um artigo que principiava assim:

Hoje é preciso compreendermos que o nosso principal inimigo é a Inglaterra.

Pouco depois um outro jornal reproduzia um artigo publicado em Agosto de 1914, por um jornal liberal inglês, insistindo em que os ingleses não se interessavam pela guerra, mesmo na vespera de a declararem.

Mas tudo isto era apenas a introdução. A imprensa francesa conta agora muitos jornais cuja politica é abertamente anti-britanica, e, eu já totalisei vinte acusações diferentes. Ouvem-se criticas no mesmo sentido, na Camara dos Deputados e nos cafés. Não podemos sequer consolar-nos com o pensamento de que a França oficial não dá a sua aprovação a esta campanha».

Esta exposição do jornal inglês não tem palavras ofensivas para a França nem é escrita naquela linguagem injuriosa, de que fala, não vista na imprensa de todas as nações. Mas, mais além, a proposito do procedimento da delegação francesa em Washington, no capitulo submarinos, diz:

E' simplesmente a ultima duma serie de tentativas feitas pela França desde o armisticio, para obter a higemonia da Europa.

Esta tentativa ilustre duma fauna cinica, a pretenção reiterada tantas vezes por este pais de «que o unico argumento que a Alemanha compreende é a força.

Há nas duas nações alguns orgãos da imprensa mais moderados, mas a generalidade da imprensa, tanto inglesa como francesa, retrata-se bem nas duas passagens que acabamos de traduzir.

Cada incidente que surge no intrincado labirinto dos negocios internacionais vai reflectir-se em França e Inglaterra agravando os termos em que se falam.

Que prova isto senão que os interesses da França e Inglaterra são diferentes, são opostos?

Todas as vezes que, em determinado ponto, são obrigados a discutir, surgem divergencias, injuriam-se; depois, a diplomacia com os orgãos moderados que analizaram e dissecaram a situação, vindo a reconhecer que os interesses se opunham. proclamaram a necessidade de harmonizar esses interesses.

Realiza-se uma serie de conferencias, proclama-se a união intangivel dos dois paises, a aliança duradoura, a amizade profunda, e os orgãos excitados acalmam-se um instante.

Que se verifica passada uma semana?

Que os interesses continuam sendo opostos e que é impossivel harmonizá-los na pratica. Assim, todos os tratados têm vindo sendo substituidos por novos tratados desde a conferencia da paz, sem outro resultado que provocar cada dia maiores desentendimentos.

Os que reclamam uma revisão franca da situação têm razão. Mais vantajoso para ambas as nações seria uma concorrencia independente e lial do que esta falsa amizade que, a continuar como até agora, há-de terminar pela convicção mutua de que ambas as nações se trairam, e que são decididamente favoravel a uma politica de paz entre as duas nações.

STRANGERS' CASINO
MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)
Grandes Espectaculos Animatográficos
BAILE TODAS AS NOITES
QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS
TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS
DANCING-TEA ás 4.as e domingos
NOTAVEIS NUMEROS
— DE —
Variedades e films sensacionais
Brevemente novos atractivos

Empreza Internacional, L.da
Rua Augusta, 76, 1.º
TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346
TELEGRAMAS:---GALVANICA
MAQUINAS ELECTRICAS
GARBE LAHMEYER & Co A. G.

A POLITICA MUNDIAL

A conferencia de Cannes

As questões da Russia, do armamento e financeira

As divergencias franco-inglesas e programa sobre a Russia de Lloyd George

BERLIM, 6

A imprensa francesa considera as controversias sobre a politica mundial entre a Inglaterra e a França na vespera da Conferencia de Cannes surpreendentemente enraizadas e prevê que as negociações se tornarão muito dificeis.

As controversias existem sobre os armamentos, sobre os submarinos, sobre a questão da Russia, e bem assim sobre a questão financeira e economica mundial e ainda sobre outros problemas. A imprensa duvida se poderão ser resolvidas com uma outra «entente».

O correspondente londrino do «Corriere della Sera» confirma que as divergencias franco-inglesas são mais serias do que se supõe. Esse jornal diz que a França é especialmente atingida pelo programa do sr. Lloyd George para a reconstrução da Russia, que se julga ter sido provocado pelo sr. Rathenau, sendo, portanto, considerado pela França, como um projecto alemão.

A «Westminster Gazette» diz que a França, devido á sua atitude de imperialismo, perdeu muitas simpatias durante o ano passado.

A reforma do orçamento da Alemanha

Aparentemente a Inglaterra deseja fazer concessões um tanto largas sobre o problema das reparações, para habilitar a Alemanha a fortificar a sua situação durante 1922, mas exige garantias financeiras e de segurança, que incluem a reorganização do «Reichsbank», a reforma do orçamento e um «controle» mais severo, e assim a posição do governo alemão não se tornará mais facil.

Por consequencia, a imprensa alemã toma, como até aqui, uma atitude de pessimismo, em virtude dos acontecimentos que se estão desenrolando, ao passo que na Bolsa de Berlim a cotação do marco chegou novamente a atingir por cada «dollar» 200 marcos.—(R.).

DR. MANUEL BARBOSA
Clinica geral
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
R. DO OURO, 191

EM ARMAZEM
Semeadores e cultivadores
Selecionadores de sementes
Acessorios para debulhadoras
TUBOS para caldeiras
Injectores e purgadores
Manometros hydraulicos de e vapor
Etc., etc., etc.
John M. Sumner & C.º
SUCCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
Av. da Liberdade, 29, 37
LISBOA

APÓS UMA PRISÃO

A PROPOSITO DUMA FRASE DO CAPITÃO CAMILO DE OLIVEIRA

O SR. DR. ORLANDO MARÇAL E O OUTUBRISMO

Do sr. dr. Orlando Marçal, que ontem foi posto em liberdade, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor — Acabam de restituir-me á liberdade *por nada se haver provado* da imputação que me fizeram, produto sintomatico do desencadear de paixões nesta conturbada hora da vida nacional, com a agravante de ter sido gisada dias após da minha formal declaração de inactividade politica, e por isso só hoje posso vir levantar uma afirmativa do sr. capitão Camilo de Oliveira, feita no decurso duma palestra com um ilustre redactor deste quotidiano, no ministerio do Interior, e que nas suas colunas foi reproduzida quando eu, por lei, estava obrigado a silencio.

Além do natural reparo e da consequente estranheza ante a afirmação do mencionado oficial, ao fazer directa referencia ao meu nome, na ocasião em que me encontrava privado de comunicar com o publico, gesto que não se ajusta com aquelas qualidades assinaladas nos campos da batalha, onde julgo alcançou grans-cruzes que ao peito ostenta como preito á sua heroicidade e á sua galhardia, cumpre-me, sr. redactor, reduzir ás devidas proporções a frase do aludido sr. capitão, quando se pronunciou desta forma: — O sr. dr. Orlando Marçal, não é «outubrista»... veio depois!

Se neste momento doloroso o meu espirito se encontrasse refeito do abalo sofrido perante a infamia de me julgarem com capacidade para colaborar na monstruosa ignominia que cerebros e corações eivados de maldade alentaram, eu preguntaria, com pleno direito, *quando* apareci... *e para quê* apareci?...

Mas não vale a pena por agora, para não estabelecer polemica. Isso constituirá materia de facto largamente analisada no livro que tenho quasi concluido ácerca do movimento de 19 de outubro, lembrando sómente nesta oportunidade ao sr. capitão Camilo de Oliveira, que muito antes da eclosão dessa revolução me deu a honra duma larga conversa sobre o assunto e, trazido por mim, se avistou com o comandante Procopio de Freitas, engenheiro Vitor Marques, dr. Herculano Rocha e alferes Seixas; — que me distinguiu, igualmente antes dessa data, com uma demorada conferencia para a elaboração do ministerio e trabalhos realizados até essa altura; e na propria manhã de 19 me deu o subido prazer da sua companhia até á Rotunda.

Certamente que não quiz aludir a este ultimo momento ou outro posterior, porque eu jámais teria a debilidade ou a ousadia de me alcandorar a situações de previlegio como arrivista, o que era improprio de mim e que seguramente pode ser atestado por s. ex.ª como homem brioso que o considero.

Emfim, sr. redactor, se hoje me aparto da rigidez do meu obstinado mutismo e se excepcionalmente venho a publico, é porque classifico o caso de lapso do sr. capitão Camilo de Oliveira, a cuja proverbial compostura desejo prestar um serviço, salientando factos do conhecimento de muita gente, mais para que não possam ser mal interpretados do que, por engulho ou interesse reservado, relembrar serviços tão debeis e tão desvaliosos por mim empregues na consecução dum movimento revolucionario do qual me apartei após o seu triunfo.

Agradecendo a publicação destas linhas apressadas, desde já me confesso muito grato e admirador, de v. etc., *Orlando Marçal.*

CAMBIOS

DIA 6

		Comprador	Vendedor
Libra esterlina		60$000	62$000
Rio	Londres, cheque	4 9⅛16	4 7⅛16
	» 90 d. v.	4 11⅛16	—
	Londres	7 3⅛	—
	Paris	$998	1$028
	Italia	$533	$549
	Belgica	$956	$984
	Suiça	2$430	2$500
	Espanha	1$860	1$914
	Berlim	$063	$071
	Holanda	4$598	4$730
	Nova-York	12$580	12$940
Austria		$004	$008
T. Desc. Bagoé	de Inglaterra	—	
» »	Portugal	—	
Agio do ouro		1$000	1$100

NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 5

Cotação do café, 19$470; Cambio Londres, 7 5⅛16 e 7 3⅛; valor do escudo português, 620 e 650 réis. — (A)

REALESA MORTA

A SENHORA DUQUEZA DO PORTO

chegou ha bocado a Lisboa

E recebeu, a titulo excepcional, o redactor do "Diario de Lisboa"

O comboio de Madrid chegou quasi á tabela. Esperamos uns momentos, enquanto passageiros apressados deslizavam pela gare, quasi deserta.

D. Nevada de Bragança, duqueza do Porto, desce agora. É, como o ano passado, elegantissimo o seu talhe aristocratico de mulher, num pizar muito parisiense, que diz a vida americana passada pelos bazares da civilização europeia. Veste de negro. Cabeça e rosto emoldurados de um tecido levissimo branco, que sobressae como arminho do crepe aliviado. Acompanha-a uma farda de vivos encarnados, num dolman de uniforme n.º 1, divisas de tenente, e um carinho respeitoso no trato. É o chefe de gabinete da Presidencia do Ministerio, o tenente Marrecas Ferreira. Mais atraz, serviçal e correcto, o sr. Ramiro Maestzu, irmão do jornalista espanhol do mesmo nome.

Passam os três rapidos pelas gares. O automovel corta o Rocio e leva ao Palace. Subimos,

A sr.ª duquesa vem cheia de frio. Pede perdão. Só pode receber jornalistas ámanhã.

—Mais je suis fatiguée...

Tem um ar compungido. Para nós, a titulo de um conhecimento mais antigo, a duqueza abre uma clareira na sua indisposição.

—Prazer em vê-lo—diz. Tive lá fóra notícias suas, pessoais. Sigo toda a vida de Portugal...

A cortezia tem em nós um grande e apaixonado cultor. Fazemos o possivel para nos cingirmos ás exigencias do meio. Depois, Sua Alteza—como a cumprimentámos sempre—é gentil. Diz-nos dos seus aborrecimentos lá fora. Fala com uma vivacidade triste. Vê-se que as viagens teem feito leves estragos no seu rosto magro, distinto, cinematografico. Descem as olheiras um pouco mais e a humidade do seu olhar é brilhante como nas febres.

—Desde 12 de outubro que tenho tudo pronto para vir a Portugal. Todos os trabalhos da urna funeraria e da sua embalagem estavam realizados. Mas o «destroyer» não podia seguir logo para Napoles.

—O «Patrão Lopes»?

—Sim.

E num *frisson:*

—Que frio. Mas em Madrid ainda fazia mais. Estive doente oito dias. Do peito. Uma constipação...

Tosse.

—Esteve no Ritz ou no Palace?

—No Ritz. Oh! No Palace, não. Em Madrid o frio pesa, sabe? Logo que cheguei a Portugal senti mudar a temperatura. Que bom!

Adivinha-se que não diz isto por cumprimento.

—Gosto de Lisboa. E' um litoral. Amo os litorais. Oh! mas as malas que não chegam... Então as malas.

Tranquilizamos a sua figura apreensiva.

—Não é medo. E' a precisão que delas tenho.

Fazemos abrir a *chauffage*. D. Nevada de Bragança sorri, como se dissesse «já cá estou» e remata:

— Ainda hoje vou a S. Vicente.

— Hoje?

— Porque não? Ah! 4 horas! E' tarde, talvez...

— Sim. Deve estar fechado o Pateon.

— A'manhã vou á Ajuda. Que belo palacio. Que recordações dele tinha o Principe Real! Mas já não é possivel ir a S. Vicente?

— Alteza, creio que não!

— E' pena!...

Param seus olhos a reflectir.

— Tenho estado em correspondencia radiografica com o capitão do *Patrão Lopes*. Ainda não chegou a Alger. Imaginemos! Quantos dias ainda de demora! Que frio!

Chegam as malas. Um riso de contentamento.

— Ainda bem.

E num tom espontaneo:

—Tinha tanta pressa de chegar a Lisboa... Que lindo está em Portugal o tempo! Portugal! O Principe D. Afonso! Há oito mezes que ando nesta labuta do transporte do seu cadaver!

Respira forte e tosse. Está de facto extenuada. A sua debil organização feminina acusa as dezeseis horas de viagem seguidas.

O tenente sr. Marrecas Ferreira, cuja farda substitue o *frack* oportuno do antigo representante oficial da Presidencia, o sr. Braga de Carvalho—levanta-se. Curva-se. Sae, segurando os copos dourados da espada, num sorriso sem nodoa. Saimos tambem, com um camarada. A duquesa do Porto estende-nos a mão enluvada em pelica finissima e estiolisa-se, num adeus até ámanhã, que aumenta a sua expressão de desejo de ficar só.

Daqui a pouco receberá cartas ás centenas, a pedir dinheiro—que é o costume—e que ela não pode ler, como já começou a receber fotografias, que ela já possue, e feito isto, começará no seu labor de mulher, a desdobrar sobre o seu tocador de cristal e madeira côr de rosa, como da outra vez, as suas delicadissimas baterias de perfumes, de todas as marcas, inglesas, americanas, francesas, de todos os aromas, de todas as *nuances* desde o lirio ao lilaz oriental, desde o que embala ao que enebria, passando pela *reverie*, pelo encantamento, pelas atitudes, pela *demi-ivresse*.

A sr.ª duquesa do Porto que — diz-se — sofre de uma nevrose delicada que a põe em estado constante de excitação, fazendo-a temer o proprio vôo das moscas, fala o português agora um pouco melhor. E tem até uma maneira sentimental de recordar que chega a confundir-se com saudade. E talvez que o isolamento a que muita gente a vota, com justiça ou não, contribua para exagerar o seu sentimento de soledade, de onde aquela palavra deriva.

O SR. DR. TRINDADE COELHO RESPONDE AO SR. RODRIGUES GASPAR

(Continuação da 4.ª pagina)

ela não tem saído da oposição ou dos seus inimigos: tem saído dos *proprios partidos* porque a fizeram pelas suas mãos, ou melhor, pelos seus erros contumazes, pelas suas violações constantes, pelos ataques irremissos a todas as liberdades publicas. A Constituição está em farrapos? Está. Por culpa de quem? Por culpa dos partidos, que deviam ser os primeiros a dar o exemplo da sua magestade e da sua inviolabilidade.

Não, senhor Rodrigues Gaspar: a opinião publica não se ilude, não se calca, não se remove. Como simbolo do *sentimento*, da *vontade e da inteligencia* colectivos, a opinião publica está farta e está elucidada. Elucidaram-na e fartaram-na os partidos, aqueles mesmos orgãos que deviam e podiam defendê-la.

Os partidos fizeram muralha entre o regime e a nação. Compete aos republicanos integrar a nação no regime, porque não há regimes que vivam e perdurem sem o consenso das maiorias. O primeiro e mais profundo erro da Republica foi ter feito uma lei de separação, *não sobre a Egreja mas contra a Egreja*. Quem declarou o país ateu? A opinião publica? Não: os partidos politicos. D'isto nasceu o resto.

E por ultimo, creia v. ex.ª, sr. Rodrigues Gaspar—que me dizem ser um oficial distinto—que são sempre os actos dos governos e dos partidos quem gera a oposição. *Dentro da grei e dentro da lei*, não há partidos nem governos que não sejam de pedra e cal. E nós temos vivido—ainda há pouco m'o repetiu uma das mais altas mentalidades do antigo regime—*na incerteza da estabilidade e da aplicação da lei*. Porque não havemos, todos, de emendar-nos, em vez de continuarmos iludindo os outros?

Trindade Coelho

A EX-IMPERATRIZ ZITA

só ámanhã desembarcará

Informam-nos, á hora de fecharmos o jornal, de que a ex-imperatriz Zita só ámanhã desembarcará em virtude do «S. Miguel» só ás 21 horas entrar no Tejo.

Tribunal do Comercio

A questão da obra de Camilo

A requerimento dos advogados de defeza foi adiado hoje o julgamento da causa Camilo-editor Lelo, que se devia realizar no tribunal do Comercio.

ATRAVÉS A POLITICA

O GOVERNO CONTINÚA ORGANIZANDO O ACTO ELEITORAL

AS "FORÇAS VIVAS" E O PRESIDENTE DO GOVERNO

O governo, vencido o grave conflito que tanto ameaçou a sua vida, procede agora, com uma tranquilidade ha tanto perdida nas nossas regiões politicas, á organização do acto eleitoral. Hoje, á tarde, realizou-se mais uma conferencia entre o sr. Cunha Leal e os representantes das *forças vivas*. A' frente delas, o sr. Alvaro de Lacerda, sempre vivo, loquaz, e preocupado com a sua velha ideia da intervenção das forças economicas na vida politica do país.

Ontem, como hoje, como ámanhã, eleições, só eleições. Os telegramas da provincia chovem, ás dezenas, todos os dias, no gabinete do ministerio do Interior e na Arcada, os galopins, passada a bonança, fazem intriga inofensiva e concluem acordos...

Há calma, pois. E disso se ressente o «reporter» que, gostando de servir quantidianamente, um bem cozinhado prato de novidades, se vê ilaqueado por penuria de informes de interesse, que caracterizam estes periodos de tranquilidade governamental.

* * *

O assunto do dia foi a prisão do sr. general Gomes da Costa. Há opiniões desencontradas — como é costume... — mas a corrente predominante afirma a sua concordancia com o procedimento do sr. Cunha Leal que, em ultima analise, se limitou a abrir na pagina respectiva, o Regulamento Disciplinar do Exercito...

* * *

O governo, a despeito de não estar em ditadura nem dispôr de autorizações parlamentares, encontra-se mnito longe da inactividade. Ainda hoje se realizou um conselho de gabinete, em que o sr. Cunha Leal se esforçou por solidificar a tão necessaria *frente unica* ministerial. Dessa reunião, recebemos da Arcada, a comunicação seguinte:

O conselho de ministros reuniu hoje de manhã na secretaria das colonias, ocupando-se de assuntos de administração publica e especialmente da questão dos abastecimentos. A sessão foi bastante demorada.

* * *

Ao contrario do que diz um jornal da manhã, as comissões politicas do partido democratico em Torres Vedras indicaram, para ser eleitos por aquele circulo, os srs. Lucio de Azevedo e Cortez dos Santos. Quanto ao sr. Fausto de Figueiredo, nem sequer admitem a hipotese de o propôr por aquele circulo.

* * *

Foi nomeado chefe do gabinete do sr. ministro da marinha, o capitão de fragata sr. Coriolano da Costa, cargo de que já tomou posse.

* * *

O sr. ministro do interior determinou que todos os militares dependentes do seu ministerio se abstenham de conceder entrevistas a jornais nos mesmos termos da ordem expedida pelo sr. ministro da guerra.

Vidas que passam

Carlos Martins

Faleceu hoje pelas 9 horas o antigo «inteligente» da Praça do Campo Pequeno, sr. Carlos Martins, e que há 7 anos se encontrava cego. O finado era muito conhecido no nosso meio tauromaquico e foi durante muitos anos cooperador do empresario sr. José Segurado.

PENDENCIA DE HONRA

Como os jornais noticiaram, realizou-se ante-ontem um duelo, ao sabre, entre os srs. dr. Rocha Peixoto e alferes Valentim Bravo, que terminou ao oitavo assalto, por absoluta impossibilidade de um dos contendores, o sr. alferes Bravo.

Doenças da bôca, dentes e maxilares

Extracção de dentes e raizes com anestesia

Dentes artificiais

Em consulta especial para classes menos abastadas e a preços de policlinica, das 9 ás 10 horas, no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires

R. do Jardim do Regedor, 51, 1.º